

# Orientalismo e X-Men: uma análise da representação da personagem Pó<sup>1</sup>

## Orientalism and the X-Men: a review of the character Dust's representation

Vandercleio Costa Corrêa Júnior<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

 10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e218496

### Resumo

Tem como objetivo analisar a presença da personagem Sooraya Qadir, também conhecida pelo codinome “Pó”, na revista em quadrinhos *New X-Men*, escrita por Grant Morrison. Busca-se entender como sua inserção na narrativa está relacionada ao contexto histórico da época em que essa revista foi publicada, marcado pelo atentado de 11 de setembro de 2001 e a declaração da Guerra ao Terror pelos Estados Unidos da América. Para isso, utiliza-se como chave interpretativa o conceito de Orientalismo, cunhado por Edward Said, que denuncia a existência de discursos pautados em relações assimétricas de poder e utilizados para justificar a dominação e a violência exercidas sobre um Outro. Sob essa lógica, busca-se entender se a forma como a referida personagem é representada reproduz certas concepções negativas sobre o chamado Oriente, no geral, e as mulheres muçulmanas, em particular.

**Palavras-chave:** Orientalismo. História em quadrinhos. X-Men (Personagens). Islã. Guerra ao Terror.

### Abstract

It aims to analyze the presence of the character Sooraya Qadir, also known by the alias 'Dust,' in the comic book *New X-Men*, written by Grant Morrison. It seeks to understand how her inclusion in the story is related to the historical context of the comic's original publication, marked by the 09/11 terrorist attacks and the United States' declaration of the War on Terror. The main concept utilized is Orientalism, created by Edward Said, which exposes the existence of discourses based on asymmetrical power relations that are employed to justify domination and violence exerted upon Another. Following this logic, the main objective is to understand if the way the character in question is portrayed reproduces certain negative conceptions about the so-called Orient in general, and muslim women, in particular.

**Keywords:** Orientalism. Comics. X-Men. Islam. War on Terror.

---

<sup>1</sup> Apresentado na Seção Temática 19 - “Quadrinhos, História e Sociedade - VII”, modalidade presencial, em 25 ago. 2023. Apresentação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r6alXB5T2gg>. Acesso em: 04 jan. 2024.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Associado do Azimute - Laboratório de Estudos Orientais, vinculado ao Instituto de História da mesma instituição. Email: [vandercleojunior@gmail.com](mailto:vandercleojunior@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-3722-5504>.

## Introdução

O chamado Oriente é marcado por disputas de interesses políticos e econômicos de atores externos. Nesse âmbito, é possível destacar as potências imperiais europeias – sobretudo a Inglaterra e a França – durante o século XIX e a primeira metade do século XX e, a partir da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América (EUA), como os principais poderes que influenciaram em sua construção.

Diante de tal cenário, Edward Said (2007) argumenta que historicamente são produzidos discursos a fim de legitimar essa ação colonial e imperialista do Ocidente sobre o Oriente. Tal prática envolve oposições binárias entre essas duas categorias, como liberdade e opressão ou modernidade e atraso, e é utilizada para fabricar a pretensa superioridade do Ocidente em relação a seu Outro, cuja inferioridade parece inquestionável e exige a interferência alheia sob uma retórica de salvação e missão civilizatória.

Said defende que a colonização ou o imperialismo não são meras campanhas militares que dominam um território por meio da força. Sua teoria reivindica o papel fundamental da cultura e do conhecimento na consolidação do controle de um povo sobre outros. Assim, a literatura, o teatro e a Academia são alguns dos meios em que Oriente passa a ser representado a fim de difundir discursos baseados em estereótipos e generalizações que são vistos como verdades e servem ao propósito de justificar a assimetria de poderes vigente.

É sob essa ótica que se pretende analisar a revista em quadrinhos *New X-Men*, publicada de 2001 a 2004, na medida em que, na edição de número 133 do título, de outubro de 2002, é introduzida a personagem Sooraya Qadir, posteriormente conhecida pelo codinome “Pó”. Essa heroína é uma muçulmana de origem afegã cuja inserção na trama ocorre subitamente, de maneira que levanta questionamentos acerca de como ela é representada – e por quais motivos. Isso, porque a época em que o título foi publicado é atravessada pela repercussão do atentado ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro de 2001 e eventos relacionados a ele, como a Guerra ao Terror e a invasão americana ao Afeganistão.

Assim, ao se refletir acerca de algumas cenas da história em que Sooraya foi introduzida à luz do pensamento saidiano e do discurso oficial do governo

americano na época, busca-se inferir se são reproduzidas ideias e estereótipos comuns aos discursos orientalistas e os problemas relacionados a essa possibilidade. A análise terá como foco o período em que a personagem foi escrita por seu cocriador, Grant Morrison.

### **1 - O dia em que o vento mudou de direção**

Em 2021, a jornalista Simone Duarte publicou o livro *O vento mudou de direção*, fruto de sua cobertura do atentado de 11 de setembro de 2001. O título da obra faz referência ao impacto desse acontecimento na história do tempo presente. A partir dele, a forma como o assim chamado Oriente e seus habitantes eram vistos foi transformada, de modo que práticas como terrorismo e extremismo passaram a ser atribuídas a eles como características naturais – e não por acaso.

A obra de Duarte almeja ouvir certas vítimas do ataque: não aquelas cujas vidas foram perdidas pelos choques dos aviões ou seus familiares, mas sim os indivíduos cujas realidades também foram viradas de ponta cabeça naquele dia: os afegãos, paquistaneses e quaisquer outros que agora eram vistos e tratados de forma diferente. A desumanização e as violências que esses sujeitos sofreram estão intimamente atreladas aos discursos que eram difundidos sobre eles na mídia, nos produtos culturais e na literatura.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os eventos do 11 de Setembro geraram uma renovação do fenômeno do Orientalismo denunciado por Said. Agora, era necessário legitimar não a colonização europeia sobre o Oriente, mas sim as invasões dos Estados Unidos nesses territórios a partir da Guerra ao Terror. Dessa forma, livros, artigos, reportagens e até histórias em quadrinhos tornaram-se meios para difundir ideais que justificassem tais ações. (Silva, 2013).

A Guerra ao Terror, declarada oficialmente pelo então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, em um discurso feito no dia 20 de setembro de 2001, foi uma série de campanhas militares realizadas contra países orientais sob o pretexto de combater o terrorismo global. Nessa fala, Bush mobiliza sentimentos de união e apoio em torno do amplamente repercutido sofrimento americano e reivindica uma busca por liberdade e justiça.

Ele se refere ao atentado do dia 11 daquele mês como um “ato de guerra” cometido por “inimigos da liberdade” e atribui sua autoria ao grupo terrorista Al Qaeda, que teria o objetivo de “refazer o mundo e impor suas crenças radicais às pessoas de todo lugar.” Em seguida, afirma que o Afeganistão e seu governo – representado pelo Talibã – sofriam com a grande influência desse grupo. Caso o Talibã não cooperasse no combate aos terroristas, teria o mesmo destino que eles. É essencial pontuar a forma como a retórica da salvação aparece no discurso, dando a entender que os Estados Unidos agiriam por benevolência para com o povo afegão oprimido:

As pessoas do Afeganistão têm sido brutalizadas — muitas estão passando fome e muitas fugiram. As mulheres não têm permissão para frequentar a escola. Você pode ser preso por possuir uma televisão. A religião só pode ser praticada de acordo com o que seus líderes ditam. Um homem pode ser preso no Afeganistão se sua barba não for longa o suficiente. *Os Estados Unidos respeitam o povo do Afeganistão — afinal, somos atualmente sua maior fonte de ajuda humanitária —, mas condenamos o regime do Talibã.* (Aplausos.) Ele não está apenas reprimindo seu próprio povo, mas ameaçando pessoas em todos os lugares ao patrocinar, abrigar e fornecer apoio a terroristas. Ao ajudar e cumpliciar o assassinato, o regime Talibã está cometendo assassinato (Bush, 2001. Tradução e destaques do autor<sup>3</sup>).

Outro fragmento trabalha com uma oposição entre estilos de vida distintos, um baseado na liberdade e outro no autoritarismo:

Os americanos estão se perguntando por que eles [os grupos terroristas] nos odeiam. Eles odeiam o que vemos bem aqui nesta câmara — um governo democraticamente eleito. Seus líderes são autodesignados. Eles odeiam nossas liberdades — nossa liberdade religiosa, *nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de votar e nos reunir e discordar uns dos outros.* Eles desejam derrubar governos existentes em muitos países muçulmanos, como Egito, Arábia Saudita e Jordânia. Eles querem expulsar Israel do Oriente Médio. Eles desejam expulsar cristãos e judeus de vastas regiões da Ásia e da África. *Esses terroristas matam não apenas para encerrar vidas, mas para prejudicar e acabar com um modo de vida.* A cada atrocidade,

---

<sup>3</sup> Afghanistan's people have been brutalized — many are starving and many have fled. Women are not allowed to attend school. You can be jailed for owning a television. Religion can be practiced only as their Leaders dictate. A man can be jailed in Afghanistan if his beard is not long enough. The United States respects the people of Afghanistan -- after all, we are currently its largest source of humanitarian aid -- but we condemn the Taliban regime. (Applause.) It is not only repressing its own people, it is threatening people everywhere by sponsoring and sheltering and supplying terrorists. By aiding and abetting murder, the Taliban regime is committing murder.

eles esperam que a América fique com medo, se retire do mundo e abandone nossos amigos. Eles estão contra nós porque estamos em seu caminho (Bush, 2001. Tradução do autor<sup>4</sup>).

O presidente americano deixa claro que todos os recursos possíveis seriam usados naquela guerra, que seria diferente de qualquer outra. Isso porque ela não terminaria de forma rápida e decisiva, mas teria um caráter contínuo e duradouro como nunca visto. Um fator que sobressai é a pretensão de uma escala mundial do conflito que se baseia na reivindicação de princípios civilizatórios comuns que teriam sido atacados:

No entanto, esta não é apenas a luta da América. E o que está em jogo não é apenas a liberdade da América. Esta é a luta do mundo. Esta é a *luta da civilização*. Esta é a *luta de todos que acreditam no progresso, no pluralismo, na tolerância e na liberdade*.

Pedimos a todas as nações que se juntem a nós. Vamos pedir e precisar da ajuda das forças policiais, dos serviços de inteligência e dos sistemas bancários em todo o mundo. Os Estados Unidos agradecem que muitas nações e organizações internacionais já tenham respondido, com simpatia e apoio. Nações da América Latina, da Ásia, da África, da Europa e do mundo islâmico. Talvez a Carta da OTAN reflita melhor a atitude do mundo: Um ataque a um é um ataque a todos.

O *mundo civilizado* está se unindo ao lado da América. Eles entendem que, se esse terror não for punido, suas próprias cidades e cidadãos podem ser os próximos. O terror, sem resposta, não pode apenas derrubar prédios, mas ameaçar a estabilidade de governos legítimos. E você sabe o quê? Não vamos permitir isso. Peço a vocês que defendam os valores da América e lembrem por que tantos vieram para cá. Estamos em uma luta por *nossos princípios*, e nossa primeira responsabilidade é viver de acordo com eles (Bush, 2001. Tradução do autor<sup>5</sup>).

---

<sup>4</sup> Americans are asking, why do they hate us? They hate what we see right here in this chamber — a democratically elected government. Their leaders are self-appointed. They hate our freedoms — our freedom of religion, our freedom of speech, our freedom to vote and assemble and disagree with each other. They want to overthrow existing governments in many Muslim countries, such as Egypt, Saudi Arabia, and Jordan. They want to drive Israel out of the Middle East. They want to drive Christians and Jews out of vast regions of Asia and Africa. These terrorists kill not merely to end lives, but to disrupt and end a way of life. With every atrocity, they hope that America grows fearful, retreating from the world and forsaking our friends. They stand against us, because we stand in their way.

<sup>5</sup> This is not, however, just America's fight. And what is at stake is not just America's freedom. This is the world's fight. This is civilization's fight. This is the fight of all who believe in progress and pluralism, tolerance and freedom. We ask every nation to join us. We will ask, and we will need, the help of police forces, intelligence services, and banking systems around the world. The United States is grateful that many nations and many international organizations have already responded -- with sympathy and with support. Nations from Latin America, to Asia, to Africa, to Europe, to the Islamic world. Perhaps the NATO Charter reflects best the attitude of the world: An attack on

Assim, sob a justificativa de combater a Al Qaeda apoiada pelo Talibã e o terrorismo no geral, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão e ali permaneceram por vinte anos. Durante esse período, as condições de vida foram deterioradas consideravelmente no país, fazendo crescer expressivamente o número de refugiados originados dali. De acordo com dados do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), cerca de 2,7 milhões de afegãos foram deslocados à força de seu país (ACNUR, 2021).

A Guerra ao Terror gerou certo ímpeto para se compreenderem aqueles que agora eram os inimigos nacionais dos Estados Unidos, ou globais, segundo as pretensões de Bush. Silva (2013), ao discutir o papel do Orientalismo no imperialismo pós 11 de Setembro, ressalta como a literatura e a mídia refletem a necessidade da sociedade de compreender os assuntos que estão em evidência, gerando, por exemplo, uma explosão de livros e reportagens sobre determinada temática – o Oriente e o Islã, nesse caso – para atender a essa demanda. Tais obras, no entanto, tendem a responder aos anseios imediatos da população com um conteúdo superficial e que serve aos interesses políticos nacionais, ao invés de abarcar as nuances e complexidades dos processos a que se referem.

É esse o contexto histórico que permeia a publicação de *New X-Men n. 133*. Diante de tal cenário, é fundamental questionar os elementos da trama referentes ao Oriente para compreender se há alguma relação com as ideias em evidência sobre tal categoria, centradas na disseminação de discursos como o de Bush não só por figuras de autoridade, como também pela mídia hegemônica e pela produção cultural.

## 2 - O véu da heroína

Em primeiro lugar, analisemos a construção da personagem Pó, começando por seus aspectos visuais. Sooraya se veste de uma forma que remete ao imaginário

---

one is an attack on all. The civilized world is rallying to America's side. They understand that if this terror goes unpunished, their own cities, their own citizens may be next. Terror, unanswered, can not only bring down buildings, it can threaten the stability of legitimate governments. And you know what – we're not going to allow it [...] I ask you to uphold the values of America, and remember why so many have come here. We are in a fight for our principles, and our first responsibility is to live by them.

ocidental sobre o Islã (Pinto, 2010), caracterizando-a como muçulmana e oriental: ela traça um vestido *abaya* e um véu, quase completamente coberta (figura 1). Isso não necessariamente carrega estigmas, já que o uso da cobertura é de fato comum entre as mulheres muçulmanas.

Figura 1. A personagem Pó na capa de *New X-Men*, n. 133.



Fonte: *New X-Men* n. 133, 2002. Acervo do autor.

Entretanto, o véu usado pela personagem é chamado de *burqa* – tipo de cobertura que é ligada à região do Afeganistão e cujo uso compulsório foi imposto às mulheres pelo Talibã (Rashid, 2000; Silva, 2021). Na verdade, trata-se de um *niqab*, véu mais comum na Arábia Saudita e relacionada à vertente wahabita do Islã. Em relação à aparência, a diferença entre as duas coberturas é que o *niqab* deixa a região dos olhos à mostra, enquanto a *burqa* cobre todo o rosto e as mulheres que o utilizam enxergam através de telas (figura 2).

Figura 2. Tipos de véus usados por mulheres muçulmanas.

**Niqab**

A veil covering the head and face, but not the eyes, usually worn with a loose black garment (abaya) that covers from head to feet.

**Hijab**

A general term meaning 'to cover' or 'veil', most commonly refers to a headscarf that covers the hair and neck, but not the face.

**Burka**

A veil that covers the entire body and face, with a mesh window or grille across the eyes for a woman to see out of.

**Chador**

A full-length cloak worn by many Iranian women, typically held closed at the front by the wearer's hands or under their arms.

**Dupatta**

A long scarf loosely draped across the head and shoulders, common in south Asia and often paired with matching garments.



Fonte: <https://www.abc.net.au/news/2014-09-24/why-do-muslim-women-wear-a-burka-niqab-or-hijab/5761510>.

Evidentemente, nada impede que uma mulher afegã opte pelo uso do *niqab* ou siga o wahabismo. Os diferentes tipos e formas de uso do véu são um exemplo de como as tradições islâmicas são interpretadas e praticadas de formas distintas a depender de contextos históricos, sociais e culturais dos lugares em que a fé muçulmana está presente, mas o fator individual também interfere nessa relação. O problema está na generalização expressa na nomenclatura incorreta utilizada (Pinto, 2010).

Infere-se, pois, que, desde os elementos mais básicos, não há o mínimo cuidado de Grant Morrison e Ethan Van Sciver – cocriadores de *Pó* – em retratar sua cultura e tradições de forma adequada. Diante disso, roteiristas e artistas de títulos subsequentes seguem esse padrão quando utilizam Sooraya em suas histórias, o que acaba por gerar uma percepção distorcida sobre os sujeitos que estão sendo representados, as mulheres muçulmanas.

A questão mencionada é repetida por anos na escrita de Nunzio DeFilippis e Christina Weir, roteiristas iniciais da segunda série de *New X-Men* (também identificada como *New X-Men*, volume 2), publicada de 2004 a 2008, inclusive dentro de falas da própria Sooraya. O problema é revisto apenas na edição n. 42 do título, publicada em 2007 e escrita por Craig Kyle e Chris Yost. A falta de

conhecimento sobre a realidade e os costumes das pessoas sobre as quais escrevem é algo comum em autores orientalistas, fato que Said (2007, p. 85) denuncia:

Este é o apogeu da convicção orientalista. Qualquer generalidade ganha foros de verdade; qualquer lista especulativa de atributos orientais acaba por se aplicar ao comportamento dos orientais no mundo real.

Nesse sentido, a opção por considerar o Oriente e o Islã como um bloco homogêneo e se referir a qualquer véu como *burqa* ao invés de realizar uma pesquisa adequada sobre a religião para trabalhar com uma personagem muçulmana em sua obra remete diretamente aos discursos orientalistas e gera consequências. A partir disso, configuram-se violências contra grupos de pessoas cujas culturas são simplificadas e questionadas. Julgam-se as mulheres que usam o véu, mesmo que por opção própria, porque essa prática é considerada fruto de algum tipo de opressão. A legitimidade de suas crenças sequer é cogitada, visto que não é dado espaço para alguma complexidade desse Outro. Segundo Pinto (2010, p. 21-22):

O islã é frequentemente construído pelo imaginário cultural e discurso político das sociedades euro-americanas como uma alteridade radical. Segundo essas visões, o islã seria dotado de qualidades negativas — irracionalidade, fanatismo, autoritarismo, opressão às mulheres, violência e tradicionalismo — contrastadas às que definiriam o "mundo ocidental" — razão, tolerância, liberdade, igualdade e modernidade. Os estereótipos mobilizados para produzir as construções estigmatizantes do "islã", as quais ganharam mais força após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA, derivam em grande parte dessas representações culturais, as quais foram sistematizadas pela tradição intelectual do orientalismo europeu.

O poder da personagem, por sua vez, consiste em se transformar em uma massa maleável de areia. Como pontua Hosein (2020), essa escolha dos criadores perpetua uma clássica visão do Oriente como nada além de um grande deserto incivilizado – oposto à grandiosa civilização ocidental. Porto, Chaves Filho e Silva (2017), ao estudar a manifestação do Orientalismo na mídia contemporânea, destacam algumas obras que reproduzem essa ideia, como o filme *O Príncipe do Deserto* (2011) e o desenho animado *Popeye encontra Ali Babá e os 40 Ladrões* (1937). Tal imagem é associada a uma ideia dos países

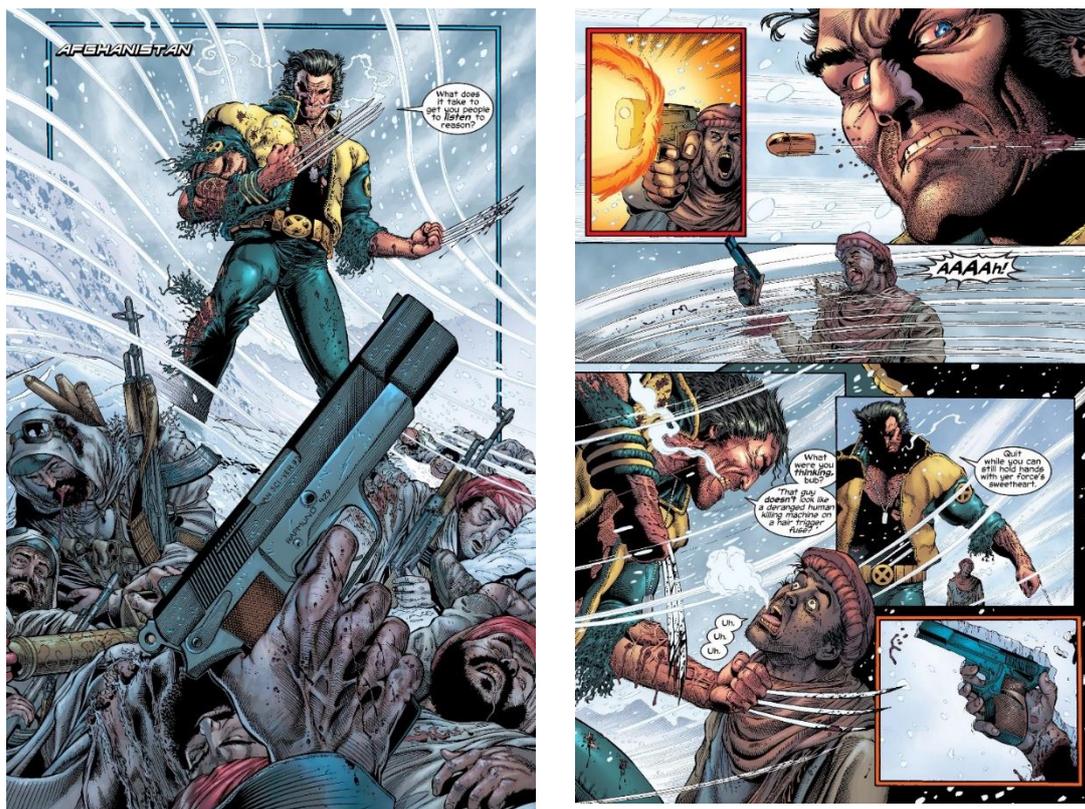
orientais como atrasados e estabelece uma relação entre eles e posturas conservadoras, abrindo espaço para uma suposta necessidade de atuação estrangeira com seus valores de liberdade e justiça – expressos em discursos como o de George Bush.

Já a personalidade de Sooraya está atrelada aos estereótipos carregados por seu visual. Hosein (2020, p. 1) afirma que, desde antes do 11 de Setembro, a representação da mulher muçulmana usuária do véu está restrita a duas imagens: a “dançarina do ventre sexualizada” ou a “dona de casa sem rosto cuja forma é coberta por um manto escuro”. A autora acrescenta que o propósito da segunda categoria é de ser irrelevante ao enredo, como se as personagens constituíssem uma mera parte do cenário, além de serem silenciosas e desprovidas de personalidade. Partindo para a análise de algumas cenas de *New X-Men* n. 133 (2002), veremos como essas características se encaixam.

### **3 - Quem precisa de salvação?**

A história começa com o Wolverine – um dos mais famosos super-heróis norte-americanos – de pé sobre uma pilha de corpos de afegãos mortos por ele, perguntando o que seria preciso para fazer aquelas pessoas ouvirem a “razão”. Posteriormente, descobrimos que esses indivíduos eram comerciantes de escravos e abusadores. Assim, a violência aplicada contra eles é justificada sob o pretexto de combate a um inimigo incapaz de ser racional (figuras 3 e 4).

Figuras 3 e 4 - Wolverine no Afeganistão.



Fonte: *New X-Men*, n. 133, 2002. Acervo do autor.

O uso da palavra “razão” é chave aqui. Explicita a oposição entre dois mundos com qualidades distintas, de uma forma semelhante à de Bush em seu discurso, e característica da tradição orientalista. Outro fator fundamental é a falta de nomes e vozes dos afegãos, como se sua existência fosse restrita ao coletivo e a certos traços que se atribuem a eles. Espera-se que, em uma história em quadrinhos de super-heróis, os vilões tenham algum tipo de justificativa e objetivo em suas ações. Nesse caso, nada disso se faz presente, e o antagonismo dos afegãos parece estar relacionado a uma condição natural imputada a essas pessoas. A conclusão que se pode ter é que eles são irracionais e violentos simplesmente porque são afegãos, ou seja, “orientais.”

Diante disso, o papel desempenhado por Sooraya é ser resgatada por Wolverine e Fantomex, ser artificial que atua como mercenário e finge ser francês, das mãos desses cruéis homens orientais. Essa trama opera com uma noção perigosa: a de que as mulheres orientais, especificamente as

muçulmanas, precisam ser salvas pelo Ocidente. Como aponta Abu-Lughod (2012, p. 465):

É profundamente problemático construir a mulher afegã como alguém que precisa de salvação. Quando se salva alguém, assume-se que a pessoa está sendo salva de alguma coisa. Você também a está salvando para alguma coisa. Que violências estão associadas a essa transformação e quais presunções estão sendo feitas sobre a superioridade daquilo para o qual você a está salvando? Projetos de salvar outras mulheres dependem de, e reforçam, um senso de superioridade por parte dos ocidentais, uma forma de arrogância que merece ser desafiada.

A autora trabalha com um discurso feito por Laura Bush, esposa de George Bush, a respeito da invasão ao Afeganistão em 2001, que opera com uma ideia semelhante à que norteia a cena mencionada. L. Bush mobiliza o sofrimento das mulheres e crianças afegãs causado pelo Talibã como uma forma de legitimar os ataques de seu país contra o delas, alegando estar ajudando-as a se libertar (Abu-Lughod, 2012, p. 452-454).

Em relação a isso, algumas constatações são necessárias. A concretude da opressão promovida pelo Talibã, sobretudo em relação às mulheres, é bem documentada em obras que se aprofundam na sociedade afegã ou que tratam especificamente desse grupo, como em livros do jornalista paquistanês Ahmed Rashid (2000; 2008). Este trabalho não procura diminuir ou negar tal violência, mas sim promover um olhar crítico sobre ela.

Quando Laura e George Bush mencionam os problemas enfrentados pelos afegãos, eles o fazem por uma preocupação real com essas pessoas ou como pretexto para justificar ações imperialistas? Os 20 anos de ocupação do Afeganistão pelos Estados Unidos geraram mudanças positivas na vida dessas pessoas? A ideia de atuar para a salvação dos afegãos considera o fato de que eles são sujeitos conscientes de suas adversidades e, portanto, capazes de enfrentá-las por si mesmos?

Respostas concretas para esses questionamentos exigiriam um trabalho mais detalhado sobre a vida no Afeganistão e a política externa americana desde 2001. Todavia, ao recorrer à obra de Simone Duarte, que entrevista a refugiada afegã Gawhar, tem-se em vista uma perspectiva possível baseada na experiência individual:

Depois da ocupação dos americanos, depois do Onze de Setembro, acreditamos numa falsa esperança. Era tudo falso. Mas nós, afegãos, acreditamos no que os americanos disseram, que a situação ia melhorar, e voltamos de vários países para viver no Afeganistão. E olha o que aconteceu. Milhares perderam seus parentes, famílias inteiras morreram em atentados suicidas. O Talibã estava no poder, é verdade, tínhamos problemas, mas eram completamente diferentes dos problemas que o país enfrenta hoje. Agora, todo mundo teme pela sua vida; Toda vez que você sai de casa não sabe se vai voltar vivo. (Duarte, 2021, p. 204).

Em consonância a isso, vale ressaltar as contribuições de Abu-Lughod (2012, p. 453):

Em outras palavras, a questão é por que saber sobre a “cultura” da região e particularmente suas crenças religiosas e o tratamento dispensado às mulheres era mais urgente do que explorar a história e o desenvolvimento dos regimes repressivos na região e o papel dos Estados Unidos nessa história. Tal enquadramento cultural, me pareceu, obstava a exploração séria das raízes e da natureza do sofrimento humano nessa parte do mundo. Em vez de explicações políticas e históricas, solicitavam-se dos especialistas explicações culturais. Em vez de questões que talvez levassem à exploração das interconexões globais, ofereceram-nos outras que serviam para artificialmente dividir o mundo em esferas separadas – recriando uma geografia imaginária do Ocidente em oposição ao Oriente, nós em oposição aos muçulmanos, culturas nas quais primeiras-damas dão discursos em oposição a outras nas quais as mulheres andam contidas e silenciosas em burcas.

Ademais, a posição dos Estados Unidos sobre o Afeganistão acompanha uma mudança no lugar que o país asiático ocupa em seu imaginário a partir de 2001. Como pontua Silva (2013), as duas nações eram aliadas na década de 1980, quando os Estados Unidos financiavam guerrilheiros que viriam a formar o mesmo Talibã que oprime as mulheres que eles dizem querer salvar, a fim de conter o avanço soviético no Oriente. Nessa época, a produção cultural expressava tal relação com filmes como *Rambo III*, que demonstra a união entre os países e exalta os afegãos, terminando com uma dedicatória ao valente povo do Afeganistão (figura 5).

Figura 5 - Dedicatória no final de Rambo III.



Fonte: *Rambo III*, 1988. Acervo pessoal.

Porém, quando o país deixa de ser útil aos objetivos norte-americanos, servindo como uma forma de enfraquecer seu principal rival político da época, e passa a ocupar a posição de inimigo com o atentado de 11 de Setembro, a cultura perpetua essa ideia. Nas representações do país e de seu povo, como é o caso de *New X-Men*, os “corajosos” afegãos passam a ser terroristas, abusadores e extremistas religiosos.

Após o momento inicial, a trama muda o foco para Charles Xavier e Jean Grey, membros do grupo de super-heróis conhecido como X-Men que possuem poderes telepáticos, em outro local. Nessa cena, os dois telepatas mutantes estão em um voo para a Índia que sofre uma tentativa de sequestro por um homem paquistanês armado e equipado com uma bomba. Seu objetivo seria cometer um atentado em solo indiano por conta de “injustiças supostamente perpetuadas por uma tribo contra outra”. Felizmente, os heróis ocidentais estão presentes para salvar o dia com seus poderes, manipulando a mente do indivíduo para que ele desistisse do ato. Após entregar o criminoso, que tinha um grupo junto de si, para as autoridades no aeroporto de Mumbai, Xavier afirma que “nenhum desses homens vai usar a violência a serviço de ideias abstratas de novo” (*New X-Men*, 2002, figuras 6 e 7, tradução do autor<sup>6</sup>).

---

<sup>6</sup> (...) none of these men will ever again use violence in the service of abstract ideas.

Figuras 6 e 7 - Professor Xavier e Jean Grey impedem ataque terrorista em avião.



Fonte: *New X-Men*, n. 133, 2002. Acervo do autor.

Alguns elementos destacam-se nessa cena. O primeiro é o fato de que o homem que tenta cometer o atentado se chama Mohammed, nome de origem muçulmana que faz referência ao profeta do Islã. Por conta disso, mesmo que sua religião não seja mencionada, a ligação entre ela e o terrorismo é feita implicitamente. O segundo ponto é que o sequestro de um avião para uso em um atentado faz referência direta ao 11 de Setembro. O terceiro é que a ideia de irracionalidade e propensão à violência é atribuída aos orientais mais uma vez, constituindo-se na oposição à calma e inteligência do ocidental Charles Xavier.

Quando Sooraya – até então, inconsciente – volta à cena, ela tem sua primeira e única fala em toda a edição: a palavra em árabe *turaab*, que é traduzida como “pó” (*dust*, em inglês), e daí vem seu codinome (figura 8). Embora não seja impossível, é no mínimo curioso uma afegã optar por essa língua para se comunicar, visto que os idiomas mais falados no país são o pashto e o dari, a depender da região. Apesar de utilizarem alfabetos que derivam da

escrita árabe, são línguas diferentes. A explicação mais provável para essa escolha é outra generalização por parte dos criadores, reproduzindo o senso comum orientalista de que todo muçulmano é árabe, ou ainda de que todo oriental é árabe.

Figura 8 - A única fala de Pó em *New X-Men* n. 133



Fonte: *New X-Men*, n. 133, 2002. Acervo do autor.

Parte da potência do Orientalismo enquanto uma forma de produzir conhecimento reconhecido como verdade reside justamente nessa capacidade de homogeneizar uma região que compreende desde o norte da África à Ásia Central, que abarca povos que vão dos árabes aos cazaques, mas que passam a ser vistos de forma genérica como “árabes” ou “orientais”. Simplifica ou ignora milênios de História e reduz centenas de culturas aos mesmos atributos limitados, sempre as considerando inferiores quando comparadas ao Ocidente. Em suma, o Oriente é uma invenção que serve ao propósito de engrandecer seu opressor:

o Oriente não é um fato inerte da natureza [...] setores geográficos, como o “Oriente” e o “Ocidente”, são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra (Said, 2007, p. 31).

Nesse sentido, Sooraya, enquanto foi escrita por Morrison, além de não ter voz, não possui uma história própria, familiares, relações, ambições ou desejos. A trama que leva os X-Men ao Afeganistão para resgatá-la é completamente repentina e não tem relação direta com a narrativa que se desenvolve no título tanto antes quanto depois de sua aparição.

Após isso, ela aparece em mais quatro edições de *New X-Men* números 138, 146, 149 e 150, todas publicadas em 2003, e sua única fala nas edições posteriores à sua primeira aparição é “Socorro. Me Ajude, Professor X” no número 146 (2003, tradução do autor<sup>7</sup>) do título. No contexto da cena, Pó estava sendo usada como um artifício para implementar os planos do vilão Xorn (figura 9). Nos outros momentos, a personagem se resume a um véu silencioso e estático: ela não passa de uma afegã e muçulmana à mercê do olhar ocidental, não existindo além desses rótulos.

---

<sup>7</sup> Help. Help me, Professor X.

Figura 9 - Pó implorando ao Professor X por ajuda



Fonte: *New X-Men*, n.146, 2003. Acervo do autor.

O silenciamento do “Oriente” e a percepção dele como incapaz de falar e agir por si mesmo é questionável e ganha uma conotação ainda pior quando atrelado à mulher muçulmana. Nos produtos culturais ocidentais, existe um padrão duplo que é constante: as figuras femininas orientais são representadas como submissas, enquanto as masculinas são opressivas e violentas. Isso se associa diretamente ao já mencionado problema da salvação pelo Ocidente. (Hosein, 2020)

Contudo, a realidade é que as mulheres muçulmanas não só falam, como questionam e lutam. Zahra Ali (2016) menciona as esposas do profeta Muhammad, que contestavam a injustiça de gênero na época do surgimento do Islã. Foram elas que garantiram que a revelação corânica se referisse diretamente às mulheres da mesma forma que fazia aos homens. Séculos depois, feministas islâmicas continuam a enfrentar a opressão patriarcal, muitas se especializando na *sharia* (Lei Islâmica) para tal e argumentando que a igualdade entre os gêneros faz parte do Islã. Reduzi-las à subalternidade serve muito mais à dominação colonial do que a alguma forma de libertação. Libertação que, como lembra Abu-Lughod (2012), não precisa estar atrelada às ideias ocidentais ou à vontade ocidental. Essas mulheres, afinal, possuem os próprios desejos e podem escolher por si mesmas o melhor caminho a ser seguido de acordo com sua realidade sociocultural.

### **Considerações finais — Além do Orientalismo**

Diante do exposto, chega-se à conclusão de que a criação de Sooraya Qadir oferece uma dimensão de como o Orientalismo se manifesta na produção cultural do tempo presente. Mais especificamente, demonstra como o atentado ao World Trade Center renovou o interesse sobre o Oriente, levando à construção de uma imagem conveniente para a nova posição ocupada por ele no imaginário ocidental: o alvo da Guerra ao Terror.

Isso nos leva mais uma vez às discussões de Said (2007), cuja obra reitera o caráter de dominação intrínseco ao Orientalismo. Mais do que apenas um discurso, é uma forma de poder que estabelece uma hierarquia e que se manifesta na política, intelectualidade e cultura. Esse poder não só explica e determina o que são e o que podem fazer os orientais, como distribui tais concepções a partir dos mais diversos meios – desde um texto acadêmico a uma história em quadrinhos –, de modo que passam a ser enxergadas como verdades.

De acordo com Said (2007, p. 59), a sociedade e a cultura só podem ser compreendidas se analisadas juntas. De fato, não há como entender o sentido da criação de Pó sem considerar o contexto histórico em que está situada, da mesma forma que considerar a vasta gama de produções orientalistas feitas

após o 11 de Setembro oferece um melhor entendimento de como funciona a dinâmica entre o Ocidente e seu Outro no tempo presente.

Diante disso, é necessário ser capaz de enxergar além do Oriente que é apresentado no universo das produções culturais ou midiáticas ocidentais. Os afegãos não são terroristas e opressores cuja morte é justificada; as mulheres muçulmanas não são silenciosas e submissas; o Islã não é uma religião naturalmente opressora das mulheres; nem todo oriental é ou fala árabe; nem todo véu é uma *burqa* e certamente o Oriente não é um grande deserto habitado por bárbaros. Existem culturas e pessoas com histórias ancestrais e complexas que devem ser vistas e ouvidas.

## Referências

ABC. Why do muslim women wear a burka, niqab or hijab? ABC News, 24 de setembro de 2014. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2014-09-24/why-do-muslim-women-wear-a-burka-niqab-or-hijab/5761510>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 20, n.º 2, p. 451-470, 2012.

ACNUR. Dados sobre refúgio. ACNUR Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ALI, Zahra. Feminismos islâmicos. In: GROSFQUEI, Ramon. *Feminismos islâmicos*. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2016.

BUSH, George W. Discurso voltado ao Congresso e ao povo americano. Washington, D.C., 20 de setembro de 2001. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010920-8.html>. Acesso em: 30 abr. 2023.

DUARTE, Simone. *O vento mudou de direção: o 11 de setembro que o mundo não viu*. São Paulo: Fósforo, 2021.

HOSEIN, Safiyya. Veiling the superhero: a comparative analysis of Dust and Qahera. *Feminist Encounters: a journal of Critical Studies in Culture and Politics*, v. 4, n. 1, art. 9, 2020.

NEW X-MEN, New York, Marvel Comics, n. 133, Oct. 2002.

NEW X-MEN, New York, Marvel Comics, n. 138, Mar. 2003.

NEW X-MEN, New York, Marvel Comics, n. 146, Sept. 2003.

NEW X-MEN, New York, Marvel Comics, n. 149, Nov. 2003.

NEW X-MEN, New York, Marvel Comics, n. 150, Dec. 2003.

NEW X-MEN, New York, Marvel Comics, v.2, n. 42, Sept. 2007.

PINTO, Paulo Gabriel. *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Ed. Santuário, 2010.

PORTO, César Henrique Queiroz; CHAVES FILHO, José Eustáquio; SILVA; Luiz Gustavo Soares. *Imagens do Outro: Orientalismo na mídia contemporânea*. In: CONGRESSO REGIONAL, 12º; CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA 1º, Unimontes, 2017. *Anais...* Montes Claros: Unimontes, 2017. Tema: Historiografia das Histórias: conceitos, debates e pesquisas no século XXI.

RAMBO III. Direção: Peter MacDonald. Produção: Buzz Feitshans. Estados Unidos da América, 1988.

RASHID, Ahmed. *Descent into chaos: the United States and the failure of nation building in Pakistan, Afghanistan, and Central Asia*. Nova Iorque: Viking Press, 2008.

RASHID, Ahmed. *Taliban: militant Islam, oil and fundamentalism in Central Asia*. New Haven: Yale University Press, 2000.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A evidência de práticas orientalistas como instrumento do imperialismo no pós-11 de Setembro. *Revista Geografias*, Belo Horizonte, vol. 9, nº 2, p. 56-74, 2013.

SILVA, Vitória Régia da. Antropóloga crítica "postura salvadora do feminismo ocidental". *Gênero e Número*, 2021. Disponível em: <https://www.generonumero.media/entrevistas/afeganistao-mulheres-muculmanas/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

Recebido em: 08.11.2023.

Aprovado em: 02.01.2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional